



A linguagem e o ser no processo psicoterapêutico

Language and the being in the psychotherapeutic process

Christine Fonseca Arães Ramos^{1*}, Lindomar Coutinho da Silva^{1,2,3}

¹ Faculdade de Ilhéus. Ilhéus, Bahia, Brasil

² Faculdade Santo Agostinho (FASAI). Itabuna, Bahia, Brasil

³ Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus, Bahia, Brasil

*Autora correspondente: Christine Fonseca Arães Ramos. Mestre em Ciências e graduanda em Psicologia. Faculdade de Ilhéus. E-mail: chrisaraes@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca reconhecer a importância da linguagem no processo psicoterapêutico partindo do pressuposto merleauPontiano de que a linguagem se constitui enquanto ser, ao mesmo tempo em que é constituinte ontológico do ser humano, sendo instrumento sem precedentes para o psicólogo, que a partir dela deve estabelecer o diálogo com aquele que busca o autoconhecimento, e que, para tanto deve estar pronto para estabelecer com o indivíduo uma relação em que ocorra a abertura para a pre-sença difundida por Heidegger, com vistas à formação do encontro EU-TU descrita por Buber. Para alcançar tais objetivos, adotou-se o método hipotético-dedutivo que se realizou por meio de estudo bibliográfico. Através de pesquisa qualitativa, conseguimos compreender a importância da fala e da linguagem no processo psicoterápico, sendo essas as principais vias de acesso ao ser dentro da psicologia clínica.

Palavras-chave: linguagem; psicologia; terapia; ser.

ABSTRACT

The present work seeks to recognize the importance of language in psychotherapeutic process, based on the MerleauPontian assumption that language constitutes itself as a being at the same time that it is an ontological constituent of the human being, serving as an unprecedented instrument for the psychologist, who, from it, must establish the dialogue with the one who seeks self-knowledge, and who, for that purpose, must be



ready to establish a relationship with the individual in which the opening to the presence (Dasein) disseminated by Heidegger occurs, with a view to the formation of the I-Thou encounter described by Buber. In order to achieve these objectives, the hypothetical-deductive method was adopted, which was carried out through a bibliographic study and through qualitative research, we were able to understand the importance of speech and language in the psychotherapeutic process, which are the main access routes to the being within clinical psychology.

Keywords: language; psychology; therapy; being.

Introdução

É impossível não se encantar com o poder da linguagem. É através dela que somos colocados na presença do outro e de nós mesmos, não por uma convencionalidade arbitrária, mas pelo contato com o que temos de mais autêntico, ainda que não saibamos decifrar inteiramente.

Buscamos dar sentido às nossas percepções, mas, ao inserirmos um significado pessoal em nosso sentir, passamos a vivenciar uma união indissociável com a linguagem. Segundo a ideia de Merleau-Ponty, “a palavra é um equipamento do meu mundo linguístico” (apud FEITOSA et al., 2007).

Inseridos no mundo imanente, temos um contato relativo com tudo que nos cerca e, partindo desse pressuposto, atuamos em uma linguagem artificial, uma vez que não é atributo da linguagem se fechar em conceitos, já que imersa na dimensão da existência, não haverá possibilidade de através dela alcançarmos a essência.

É nesse contexto que buscaremos analisar, a partir da filosofia, alicerçados especificamente pelas correntes do idealismo trazido por Sócrates e Platão, chegando ao viés psicológico do materialismo histórico de Vygotsky (2009), em que medida as construções teóricas se aproximam e se distanciam, na intenção de averiguar por que a alusão bíblica da Torre de Babel não depende apenas e substancialmente de uma mesma língua falada por todos os povos, pois as dificuldades emergentes da linguagem ocorrem dentro da língua primeva, através das diversas interpretações possíveis da palavra e a necessidade de sua inserção em proposições, sendo que ainda assim, dão margem a interpretações diferentes.



E, nesse sentido, buscar entender a construção da linguagem e suas relações com o ser em si e com o ser no mundo, partindo-se da compreensão de “ser” proposta por Heidegger (2021), ser na pre-sença, indefinível e indeterminado, que se compreende a partir da sua existência e que, portanto, nas categorias de ser ontológico e de ser ôntico, se constitui de maneira originária através de suas escolhas.

Apoiados na ideia proposta por Buber (2017) de que a palavra é princípio, fundamento da existência humana, investigaremos não uma análise objetiva da estrutura lógica ou semântica da linguagem, o que faria da palavra um simples dado, mas sim, a verdadeira ontologia da palavra, atribuindo a ela, como palavra falante, o sentido de portadora do ser.

Através da representação das palavras princípio EU-TU e EU-ISSO (BUBER, 2017), entendendo o EU-TU, reduzidamente como “entre”, relação, encontro, presença, totalidade, transcendência, e EU-ISSO enquanto experiência e utilização das coisas no mundo para impor-se diante dele, ordená-lo, estruturá-lo, vencê-lo, transformá-lo, buscaremos o pleno sentido do ser na manifestação relacional e, a partir daí, como nos apresentamos no contexto psicoterápico. Dessa forma, comungamos com Merleau-Ponty, através das palavras de Feitosa, quando ele afirma que “o exprimir-se é um paradoxo: requer um fundo de expressões já estabelecidas e deve permanecer novo. Quando a palavra torna-se viva, a linguagem artificial se enche de exceções” (FEITOSA, 2007, p. 93).

O objeto do presente trabalho é tratar da compreensão de que a linguagem é formada por caracteres indissociáveis e que, apesar de termos a contradição tradicionalmente apresentada entre idealistas e materialistas, propomos que tais correntes sejam vistas como complementares, especial e especificamente, no processo psicoterápico. Sendo assim, temos de um lado Vygotsky e todos os adeptos das teorias sócio-históricas (Psicologia Construtivista) que entendem a linguagem oral como algo puramente construído e convencionalizado. De outro, encontramos os idealistas, que enxergam a linguagem como “ser”, imutável e intangível, enquanto ontológica, composta por sensações e sentimentos e que compõem a psique do ser, enquanto humano. Assim entendemos o nosso objeto de pesquisa. Não há pretensão de fixar faixa etária ou patologia (apesar de se reconhecer a existência de influências significativas em relação a estas variáveis), entendendo o processo psicoterapêutico



como o especificamente clínico.

Para isso, partiremos do pressuposto de que a linguagem permeia todo o fazer psicológico. Por este motivo, ao buscarmos as formas de expressão do sujeito, seja em qual abordagem for, não há como se desconectar da importância deste instrumento, sopesar o dito e o não dito, decodificar as entrelinhas e trazer à tona o material que escapa ao próprio sujeito, sendo este o papel do terapeuta. Portanto, a linguagem passa a ser o maior instrumento de qualquer profissional, sendo também seu maior obstáculo e tais questões pairam na prática terapêutica, sendo fundamental para qualquer atuação. Surge, a partir de então, o seguinte problema: entendendo a linguagem como o principal instrumento para o autoconhecimento, e não existindo uma forma universal de expressão dos significados, o que esperar do processo psicoterapêutico?

Na intenção de chegar ao cerne da questão, teremos como objetivo geral compreender como a visão filosófica da formação da linguagem pode facilitar o entendimento das limitações trazidas pela mesma, tornando-se (ou não) instrumento de conscientização de nossas percepções, emoções e sentimentos, bem como reforçando positiva ou negativamente nossas relações sociais, objeto dos processos psicoterapêuticos. E, especificamente, comparar as correntes filosóficas idealista e materialista, na construção da linguagem e sua influência na compreensão do funcionamento da mesma; analisar os problemas vinculados à polissemia das palavras, geradores de dificuldades relacionais enquanto formadoras do eu em si.

Somos seres de linguagem, nos compreendemos dentro dela, sendo impossível conseguir fazer uma leitura do mundo senão inseridos nesse contexto. Contudo a imprecisão da linguagem é geradora de vários problemas, tanto para quem fala quanto para aquele que escuta. Assim, buscaremos analisar as duas principais correntes filosóficas (materialista e idealista) na busca da episteme desta questão.

Dentro da perspectiva acadêmica, o desenvolvimento deste projeto visa atender à exigência estabelecida pelo projeto pedagógico desta instituição para fins de conclusão do curso, bem como revelar a notória relevância do tema, uma vez que, academicamente está intrinsecamente ligado ao curso de Psicologia, pois impossível pensar em psicologizar fora da linguagem, não existindo terapia que se sustente sem este instrumental, considerando-a como algo que, ao mesmo tempo que invade



qualquer tipo de raciocínio e, portanto, nos conscientiza de nossos atos, comportamentos, emoções e sentimentos, situações tão sensíveis no universo da Psicologia, nos forma e transforma, cria e recria, e estará sempre presente no ser pensante.

Metodologia

A pesquisa envolve um estudo bibliográfico através do método qualitativo com a utilização da abordagem hipotético-dedutiva, partindo-se do problema de que a linguagem indubitavelmente perpassa pela questão sócio-histórica. Buscaremos demonstrar que as convenções e o meio social não definem por si só toda a integralidade linguística, partindo da hipótese de que há na linguagem um ponto de verdade e imutabilidade inalcançável na imanência e que irá influenciar a formação do ser, enquanto humano, mas não em sua totalidade. A partir disso, estabeleceu-se o problema, foram levantadas as hipóteses ou conjecturas, para teleologicamente, refutá-las ou confirmá-las (HEERDT, 2007).

Diante desse recorte, foi feita uma busca virtual na base de dados através das fontes: plataforma de pesquisa Google, Google Acadêmico; Portal de periódicos – CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e na Biblioteca SciELO – Brasil Scientific Electronic Library Online. A opção inicial foi de incluir apenas artigos publicados nos periódicos e indexadores brasileiros, no idioma português, com pertinência específica da interface da Psicologia com a Filosofia, salientando-se que na busca não houve restrição em relação à data de publicação dos artigos.

Foram utilizados os seguintes descritores para a referida busca: Linguagem, Terapia e Psicologia; e Linguagem, Ser e Terapia, chegando-se a um universo de pesquisa com um total de 36 (trinta e seis) artigos, sendo 05 (cinco) na plataforma Google, 29 (vinte e nove) deles da plataforma Google Acadêmico e 02 (dois) da Biblioteca Scielo, não sendo encontrado nenhum no Portal de periódicos – CAPES. Dos selecionados serão analisados 05 (cinco) artigos.

Inserção do ser no mundo e a linguagem



É impressionante como definições sobre questões relacionadas ao mundo experiencial iniciam-se desde a antiguidade, especificamente discussões afeitas à mutabilidade ou permanência existentes na imanência. Ainda hoje, cabe à filosofia, bem como no fazer psicoterápico, analisar as proposições trazidas por Heráclito e Parmênides na tentativa de entender o transitório e o eterno, e assim definir em que medida alcançamos ou não o mundo das ideias (MARCONDES, 2007).

Ainda nessa lógica, e contemporizando com a linguagem, em *Crátilo*, Sócrates estabelece uma aporia que decorre da suposição de ser ou não possível ter acesso às coisas mesmas sem o intermédio dos nomes, já que esses podem ser pensados como mera imitação da realidade, possuindo assim, significados ambíguos e fluidez, não sendo possível por eles estabelecer a verdade; ou seria possível entender que os nomes imitam a realidade e por esse motivo se tornam vias de acesso ao conhecimento da mesma, surgindo a dúvida de como os primeiros nomes surgiram se o nomóteta não dispunha de nome algum que lhe desse condição de conhecer a realidade em si para a partir de então passar a nomear (PLATÃO; 2013).¹

Se partirmos do pressuposto de que é possível o acesso às coisas sem o intermédio dos nomes, seria admissível entender que o conhecimento prescinde da linguagem e, por isso, não se constitui como atividade presidida pelo *logos* (MONTENEGRO, 2007).

Essa aparente impossibilidade do conhecimento pela linguagem é também discutida por Sócrates e Hermógenes ao buscarem investigar a adequação dos nomes. Ironicamente Sócrates diz que isso caberia aos sofistas, mediante paga, e à falta de tal quantia, deveriam recorrer aos poetas. Contudo, a partir da etimologia investigada percebem que tal escolha está longe de ser aleatória, concluindo assim, sobre a importância que a convenção desempenha na correção dos nomes. Apesar disso, desvelam que é importante que se busque o conhecimento das coisas pelas

¹ A obra de Platão foi originalmente escrita entre 387 e 361 a.C, sendo citado neste trabalho a edição das suas obras completas de 2013.



coisas mesmas e não por seus nomes, pois a própria natureza dos nomes desautoriza a esses dizer sobre a essência das coisas (PLATÃO; MONTENEGRO, 2007).

Dessa forma, sendo a natureza da linguagem ambígua, caberá ao filósofo, através da dialética, analisar qual o significado ideal de um nome dentro de determinado contexto, pois sendo a linguagem ferramenta para o conhecimento, serve para viabilizar a relação mestre-discípulo, entrando aí sua dimensão persuasiva e prática. Desse ponto, cada alma será persuadida com o discurso que melhor lhe convenha, confirmando que não há possibilidade de existir linguagem sem a característica da polissemia (PLATÃO; MONTENEGRO, 2007). Tal dimensão persuasiva e prática também é observada na relação psicólogo-terapeutizando.

Em Vygotsky (2009, p.12), teremos essa mesma afirmação, a partir do entendimento de que “as formas superiores de comunicação psicológica, inerentes ao homem, só são possíveis porque, no pensamento, o homem reflete a realidade de modo generalizado”. Assim, para o autor quando se quer comunicar a alguém que se está com frio, tal informação só será passível de compreensão se o emissor conseguir generalizar e nomear o que está vivenciando, ou seja, quando conseguir situar a sensação de frio experienciada a uma determinada classe de estados conhecidos pelo interlocutor. Vygotsky cita Tolstói: “o que quase sempre é incompreensível não é a palavra, mas o conceito que ela exprime” (VYGOTSKY, 2009, p. 11).

A pauta que se abre então é entendermos a inserção do ser no mundo pelo mecanismo da linguagem, uma vez que suas estruturas lógicas e seus elementos são preexistentes e independentes da nossa experiência do mundo, mas indiscutivelmente condicionam essa experiência, segundo a concepção psicológica de Vygotsky.

A rigor, a complexidade de tais fenômenos nos obriga a pensar qual metodologia científica seria a mais adequada nesse contexto. Inconteste o auxílio do cartesianismo introduzido por Descartes, gerando a possibilidade da cisão da integralidade com vistas na descoberta do ser/objeto de forma mais precisa. Estabelece-se então duas formas de explicar tal correlação entre o sujeito e o objeto, que para nós é a linguagem oral: o materialismo e o idealismo.



Vygotsky, então, surge como criador de corrente teórica largamente aceita e referenciada pela psicologia, estabelecendo que as formas superiores de comunicação psicológica são estabelecidas pela junção do fenômeno da linguagem e do pensamento, o que torna possível a formação do discurso. A visão vygostiana baseada no materialismo sócio-histórico, sustenta que o pensamento se funda em pressupostos preexistentes dentro de uma determinada sociedade, filiando-se ao empirismo corrente que acaba por objetivar a linguagem a ponto de anular o sujeito em sua individualidade pensante. Em contrapartida, as correntes idealistas ou intelectualistas entendem a linguagem como uma operação eminentemente subjetiva lançando ao sujeito pensante a primazia da detenção do seu sentido (FURLAN & BOCCHI, 2003).

Contudo, a fragmentariedade de tais correntes gerou a dificuldade posterior de unificá-las e as escolas daí oriundas não conseguiram perceber que a complexidade só pode ser explicada pela junção dos conceitos, surgindo então a tese de Edmund Husserl e a imprescindibilidade de se retornar às coisas mesmas, resgatando a formação do conhecimento através do restabelecimento da correlação entre sujeito e objeto de forma mais autêntica.

Merleau-Ponty, apoiando-se nas ideias de Husserl e Kant, tenta superar a dicotomia existente entre tais correntes e questionando a relação do sujeito com a linguagem observa o papel da palavra enquanto objeto em si, com vistas a sobrepujar as antigas concepções através da atribuição de um sentido à própria palavra, algo que se faz extremamente presente no fazer psicoterapêutico.

A palavra não é desprovida de sentido, já que atrás dela existe uma operação categorial, mas ela não tem esse sentido, não o possui; é o pensamento que tem um sentido, e a palavra continua a ser um invólucro vazio. Ela é apenas um fenômeno articular, sonoro, ou a consciência desse fenômeno, mas em qualquer caso a linguagem é apenas um acompanhamento exterior do pensamento. Na primeira concepção, estamos aquém da palavra enquanto significativa; na segunda, estamos além — na primeira, não há ninguém que fale; na segunda, há um sujeito, mas ele não é o sujeito falante, é o sujeito pensante (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 240/241).

Evidencia-se que o desejo de Ponty é recuperar o movimento primordial do ato expressivo, ou seja, a língua em estado nascente, no momento em que ela mesma se



realiza enquanto expressão, pois a questão da linguagem enquanto língua falada ou vivida, deve ser vista a partir da perspectiva daqueles que a vivenciam, os sujeitos falantes, sendo uma de suas prioridades no estudo do problema linguístico – o ato da fala – ou seja, o verdadeiro movimento de expressão, partindo-se do pressuposto de que a palavra é invólucro inerte, que surge sempre por mecanismos fisiológicos ou psíquicos, mas dotada de um sentido (MERLEAU-PONTY, 1999), ou porque não dizer vários, já que polissêmica, sendo esse também um ponto de cuidado do psicólogo, no sentido de não contaminar o dito por suas crenças pessoais.

Tal polissemia está além dos significados contidos nos verbetes do dicionário, pois se submete à dimensão dos sentidos. O próprio Vygotsky anuncia que o sentido da palavra é, e só pode ser “a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência, anunciando seu sentido inesgotável” (Vygotsky, 2001, p. 465/466 *apud* MOLON, 2011).

Sem desconsiderar a contribuição das escolas materialista e idealista, será na consciência que a palavra vai adquirir algum sentido expresso, sendo a própria polissemia e interpretação fonte perene de novos sentidos, variando tanto em função das situações quanto dos sujeitos que a utilizam e, por esta razão, seu sentido torna-se quase ilimitado. Reconhecendo, assim, a multiplicidade dos sentidos das palavras concluímos que essas são polissêmicas tanto para aquilo que foi dito como para o que não foi dito, mas pensado e assumido (pressuposto, subentendido) (MOLON, 2011). Não por outro motivo, revela-se a importância da escuta ativa do psicoterapeuta através da atenção especializada a todos os movimentos do seu cliente/paciente. Contudo,

É necessário que o pensamento seja realizado (ele não apenas se expressa na palavra) nas palavras significadas (elas não são sons vazios), para ser possível (re)definir, (re)(in)formar, (re)inventar e (re)criar processos fundamentais na constituição do sujeito e da subjetividade (MOLON, 2003, 2009 *apud* MOLON, 2011, p. 618).

Com este raciocínio compreendemos que o pensamento precede a fala pois, se a fala necessitasse primeiramente unir-se ao objeto por uma intenção de conhecimento ou por uma representação, não seria possível explicar por que o objeto mais familiar parece-nos indeterminado enquanto não encontramos seu nome, ou os



vários momentos em que o próprio sujeito pensante vivencia “um tipo de ignorância de seus pensamentos enquanto não os formulou para si ou mesmo disse e escreveu”. Destarte, um pensamento que existe apenas em si, “sem projetar-se para fora dos incômodos da fala e da comunicação”, inevitavelmente seria lançado na inconsciência, o que significa dizer que ele não existiria nem mesmo para si, porque é através da fala expressa que se pode pensar, repensar e interpretar o dito (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 241), o que confirma a importância da oralidade no processo psicoterapêutico.

É a partir da expressão que o pensamento se torna nosso, porque a denominação dos objetos não vem depois do reconhecimento. Ela é o próprio reconhecimento. Tomando por base o pensamento pré-científico, percebemos que nomear o objeto o torna concreto, e é desta forma que ele passa a existir. “Deus cria os seres nomeando-os, e é falando dos seres que a magia age sobre eles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 242).

Percebemos, assim, que a inserção do ser no mundo ocorre através da fala, ato que consoma o pensamento e desvela o terapeutizando para si mesmo. De acordo com Merleau-Ponty, tal inserção é comprovada em função daquele que escuta ao receber o pensamento da própria fala falada, realizando-se no ouvinte uma compreensão para além daquilo que espontaneamente pensa, ou seja, é possível o estabelecimento de um diálogo em razão da incrível possibilidade de pensarmos segundo o outro, enriquecendo nossos próprios pensamentos, pelo natural sentido induzido por meio do conceito expresso pelas palavras, ou seja, sua convenção (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 243), possibilitando assim o processo psicoterápico.

É nesse sentido que Vygotsky afirma que “a linguagem não é só uma reação expressivo-emocional mas também um meio de contato psicológico com semelhantes”. Em razão disso o estudo do pensamento e linguagem se apresenta para a psicologia atual como um grande enigma, pois a relação entre pensamento e linguagem em momento algum se torna estática, está sempre em movimento, modifica-se no processo de desenvolvimento, tanto quantitativa quanto qualitativamente, realizando-se de forma não paralela e desigual, durante as curvas do desenvolvimento humano gerando convergências e divergências que facilitam ou



dificultam a compreensão do mundo e das coisas, bem como sua interpretação (VYGOTSKY, 2009, p. 127).

Não é por outro motivo que Vygotsky aponta que em se tratando das questões funcionais o estudo se opera quando

formas superiores desenvolvidas de algum tipo de atividade, em que toda a grandiosa complexidade da estrutura funcional é representada em forma desmembrada e madura. Por essa razão, deixaremos por algum tempo de lado os **problemas do desenvolvimento** e examinaremos o estudo das relações do pensamento e da palavra **na consciência desenvolvida**. Mal começamos a pôr este propósito em prática, logo se revela diante de nós o quadro grandioso, sumamente complexo e delicado que, pela sutileza da sua arquitetura, supera tudo o que a respeito poderiam imaginar os esquemas das imaginações mais ricas dos pesquisadores. Confirmam-se as palavras de Tolstói, segundo quem **“a relação da palavra com o pensamento e a formação de novos conceitos é esse processo complexo, misterioso e delicado da alma** (VYGOTSKY, 2009, p. 408 e 409) grifo nosso.

Essa constante construção deve ser vista com relação às idiosincrasias vivenciadas pelos indivíduos, não sendo por outro motivo que as fases e estágios de desenvolvimento não podem ser analisados de maneira estanque, tudo depende das circunstâncias individuais de cada sujeito e as possibilidades de seu contexto, haja vista muitos ainda não terem alcançado o estágio operacional formal de desenvolvimento estabelecido por Piaget, questão muitas vezes observada nos atendimentos psicológicos, ou seja, em clientes/pacientes que não conseguem fazer inferências em seus raciocínios dedutivos.

Desta forma, o que deve ser levado em conta não será especificamente o desenvolvimento etário, mas sim o funcional, pois o próprio processo de pensamento da ideia à palavra é um ato criativo, uma vez que, o pensamento não é expresso na palavra, mas por ela realizado (VYGOTSKY, 2009, p. 410).

Apenas por essa razão seria possível falar de formação (unidade do ser e do não-ser) do pensamento na palavra, afinal de contas, todo e qualquer pensamento intenciona unificar alguma coisa, estabelecer uma relação entre as coisas – entendendo-se esta unidade em sua complexidade. Assim, a linguagem enquanto formadora do ser está unida à contingência, e para tornar-se expressiva e criadora de sentido no espírito do que ouve, deve ser mutável, aberta e capaz de responder às



demandas sempre renováveis do presente para acompanhar as demandas históricas pelas quais ela passa (sentido ontológico da linguagem – diacrônica e sincrônica) (MERLEAU-PONTY *apud* MOURA, 2013).

É seguindo esse movimento que Merleau-Ponty busca mostrar a passagem do signo à significação como movimento espontâneo e interno. Assim, o signo como elemento referencial e diacrítico isoladamente nada significa, apenas se diferencia dos demais, e é a partir dessa relação que este se torna significativo e capaz de referir-se a algum sentido, dependendo da totalidade para se constituir em significação. O sentido depende de um movimento espontâneo dos signos para se formar, e estes dependem da unidade desse movimento para constituírem sentido, entrando aí sua parcela subjetiva, revelando-se na linguagem sua “interioridade” (MERLEAU-PONTY *apud* MOURA, 2013), sendo esta empiricamente percebida e trabalhada no processo psicoterapêutico.

Para Merleau-Ponty, a linguagem é um “poder espiritual”, capaz de fazer do sentido existência e da existência sentido: “Muito mais do que um meio, a linguagem é algo como um ser, e é por isso que consegue tão bem tornar alguém presente para nós”. Entrevendo a visão ontológica da linguagem, que não é objeto e nem sujeito, mas unidade significativa que se auto diferencia pela transformação do signo em significado, passando do singular ao geral, da parte ao todo, surgindo como uma unidade dotada de sentido próprio, ou seja, encarnada. Na sua dimensão ontológica a linguagem revela essa fusão entre a matéria e o espírito, estrutura que faz a significação do ser no mundo (MOURA, 2013, p. 98).

O sentido ôntico e ontológico do ser e as relações estabelecidas a partir do encontro EU-TU e EU-ISSO intermediados pela linguagem

Ao adentrarmos nas ideias de Heidegger iniciamos uma jornada ao universo complexo e instigante do estudo do ser, este que guarda as características de ao mesmo tempo poder-ser imutável e mutável; divisível e indivisível; eterno e mundano... sim, Parmênides e Heráclito estavam certos, cada um partindo de sua concepção, algo bem característico do ser, a possibilidade de se apropriar de suas ideias e percepções, ainda que sejam apenas suas (MARCONDES, 2007).



Inseridos no mundo, mergulhados na linguagem e transcendendo a si mesmos, somos fenômeno, e enquanto tal acreditamos ter acesso integral à compreensão dos demais fenômenos mundanos. Tal crença pode nos alçar a uma vida congruente, isto é, integrada com a realidade representada em nossa consciência ou incongruente, podendo ser geradora de patologias psíquicas, uma vez que estaremos sujeitos a uma autopercepção dissociada do si mesmo dentro da experiência da cotidianidade, conforme Carl Rogers (ROGERS *apud* MIRANDA, 2012).

Por mais que a percepção esteja voltada à autorregulação, é ilusório pensar que se alcança a plenitude do fenômeno na imanência, uma vez que a linguagem já se apresenta, desde sempre, como uma tradução do mundo em nossa consciência, e é nesse ponto que o psicólogo deve manter sua atenção, na leitura subjetiva que seu paciente/cliente faz do mundo, para a partir de então auxiliá-lo em sua integração com este de forma saudável.

Assim podemos afirmar que a linguagem possui aspecto dicotômico, já que ao mesmo tempo que nos limita, sendo um dado que preexiste a nossa existência circunscrevendo nossas percepções, seja de forma coletiva ou individual, permanece como instrumento sem precedentes, pois nos diferencia dos outros animais e permite interrogarmos a nós mesmos, as coisas e o mundo, promovendo a abertura para a criação dos seres em nosso pensamento. Por esse motivo é possível inferir que a linguagem está para o ser como processo de sua constituição ontológica, sendo por essa mesma razão um dos instrumentos mais eficazes para todo e qualquer processo psicoterapêutico.

Para nos apropriarmos do que seja tal constituição ontológica, nos alicerçamos nos estudos heideggerianos sobre o ser ontológico e constatamos que ““ser” é o conceito mais universal e ao mesmo tempo mais vazio”; não por outro motivo indefinível, ao mesmo tempo que prescinde de definição já que se evidencia na presença, imediata e indeterminada (HEIDEGGER, 2005, p. 37).

Ser está naquilo que é como é, na realidade, no ser simplesmente dado (*vorhandenheit*) no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no “dá-se” (HEIDEGGER, 2005, p. 42).



Apesar de aparentemente simples, entender o ser envolve uma complexidade estrutural, uma vez que os seres devem ser apreendidos em sua presença, e é a partir do aparecimento no mundo que podemos captar sua essência, sendo este em grande medida o papel fundamental do psicólogo.

Diante disso, por mais rico que seja o sistema de categorias existentes na ciência, a ontologia do ser permanece cega e obscura, pois é na presença que o indivíduo se apresenta da maneira que mais lhe convenha, trata-se sempre de decidir quem se é, em razão da mutabilidade existencial, sempre haverá transformações, ainda que se mantenha sua essência (HEIDEGGER, 2005), não cabe ao psicólogo, portanto, buscar enquadrar seu paciente/cliente em qualquer categoria que seja, ainda que por vezes se utilize de um diagnóstico para auxiliá-lo em sua prática, esse deve ser considerado como ponto de partida do tratamento, e não um modelo que rotule em definitivo o ser.

Portanto, o psicólogo deve ter consciência de que o ser nunca se desvelará integralmente, uma vez que isso não é possível nem para ele mesmo. O mundo nos traz opções contínuas das quais, ao decidirmos por uma, logicamente renunciamos a outra, nos aproximando ou nos distanciando de nós mesmos, intermediados pela linguagem que nos dá abertura, mas que, por sua essência, também pode ser maquiada por interpretações e pressuposições.

Assim, quando afirmamos que, de forma alguma, o ente está desprovido do “eu”, apenas e simplesmente está se indicando que um determinado modo de ser do próprio EU, pode relegar à perda ou ao encontro com o seu si mesmo (HEIDEGGER, 2005).

De início até poderíamos questionar se se trata realmente de uma escolha, pois já estamos delimitados pelo mundo da linguagem, da língua primeva, na qual nascemos e que conforme, Vygotsky e Merleau-Ponty, traz uma gama de contextos socioculturais e diacrônicos na qual somos cevados sem opção, ao mesmo tempo que investe de sentido a nossa existência, porque, naturalmente, só é possível um posicionamento pessoal dentro de um mundo por mim conhecido e conceituado, nomeado e esclarecido. Fora do que conhecemos, torna-se impossível fazer escolhas, a liberdade só é possível diante de opções nas quais temos capacidade de nos



posicionarmos, responsabilmente, assumindo o próprio ser que somos e as consequências que aceitamos diante do que escolhemos.

Daí a atenção do psicólogo, pois

a vivência cotidiana em consultório também com psicoterapia individual, tem me mostrado a presença da passividade enquanto uma característica marcante em alguns clientes. Esse cliente quer jogar a responsabilidade de sua vida no terapeuta, assim como o faz com seus pais, com a religião, com o governo. Ele quer mudanças rápidas e imediatas, receitas mágicas, que não exijam dele uma atitude ativa (LEITÃO, 2012, p. 9).

Logo, o processo terapêutico deve auxiliar o cliente/paciente a compreender suas escolhas, ajudando na interpretação que faz do mundo, construindo autonomia com foco na responsabilidade por sua própria existência, proporcionando, a partir daí, trabalhar outros aspectos de sua vida. A dificuldade em assumir essa responsabilidade tem sido um dos grandes problemas do processo psicoterapêutico (LEITÃO, 2012).

Fica clara a importância do psicoterapeuta nesse encontro com o terapeutizando, com o que Heidegger chama de realidade mundana, apresentando-se como “ente”, isto é, o “ser” dentro do mundo e suas relações. Esse ente, no contexto heideggeriano será composto por duas categorias: o ser em sentido ontológico e o ser em sentido ôntico, na busca fundamental de compreendê-lo em sua totalidade, de tal modo que o ser enquanto ontológico está na pre-sença, se faz sendo, se estabelece na relação, no durante, na sua atualização constante, enquanto sua parcela ôntica será determinada a partir da existência, nas escolhas (HEIDEGGER, 2005).

Decorre disso, que a presença só passa a ter sentido dentro da possibilidade de, em existindo, poder ser ou não ser ela mesma. É por esse motivo que a ciência, fundada no modelo racional-matemático da natureza, não consegue dar conta de empiricamente prová-lo; a fragmentação do “ser” só é possível em nível ôntico. Esclarecendo, o “pre” da pre-sença é essência, mas a manifestação da presença é interrelacional.



Nossa existência se fundamenta por um mundo onde tudo o que nos é oferecido acaba enfim por construir nossa consciência. Segundo Heidegger é o “manual” que nos traz a “ocupação”, ou seja, nosso modo de ser no mundo, tudo o que nos rodeia, e que somos ensinados a fazer/praticar para nos “adequarmos” à normalidade, enquanto critérios psicopatologicamente constituídos (DALGALARRONDO, 2008). Tal circunstância nos familiariza e nos acomoda, gerando conforto e previsibilidade, daí a posterior dificuldade da “abertura” para o que seja nossa verdadeira maneira de ser, já que somos moldados pela realidade intramundana, gerando um “esquecimento” do ser que somos, sendo fundamental o reconhecimento do papel do psicólogo nessa descoberta.

Por essa razão, não se pode dissociar o ser-aí, na sua singularidade, dos contextos históricos que o permeiam, pois o ser sempre vai sofrer as influências de interpretações anteriores do mundo (im)posto, fazendo com que a presença, ao se apresentar, já se tenha decidido, definitiva ou provisoriamente, por uma determinada conceituação, pois está fundada numa concepção prévia, nunca isenta de pressuposições e sempre intermediada pela linguagem (VYGOTSKY, 2009; HEIDEGGER, 2005), cabendo ao psicólogo conduzir o ser às suas necessárias ressignificações.

Verifica-se a partir disso, a relevância de se entender o caráter da autenticidade ou inautenticidade, da propriedade ou impropriedade, uma vez que não cabe ao psicólogo clínico fazer juízos de valor em relação às manifestações do ser. Suas escolhas não podem ser observadas de forma qualitativa, cada ser tem seu próprio percurso, não existindo verdade, apenas presença.

Destarte, o acesso ao indivíduo se dará pelo exercício de atos intencionais, que se manifestam por meio dos comportamentos e da linguagem. O “ser” de fato não é acessível, os entes são, então o psicólogo passa a compreendê-lo por determinações ônticas, isto é, pelos atributos. Contudo, o psicólogo deve saber que não se conhece o ente em seu ser através da percepção dos sentidos, ou seja, suas características, utilização, cor, gosto, e todas as questões externas e corpóreas que são captadas por qualquer indivíduo; o psicólogo deve ir além.



Do ponto de vista ôntico, sempre se pode dizer com razão que “eu” sou este ente. No entanto, a analítica ontológica que utiliza este tipo de afirmação deve fazê-lo com reservas de princípio (HEIDEGGER, 2005, p. 172).

Isso porque, o paciente/cliente ao se definir enquanto este sou “eu” só o faz expressando um sentido formal, uma vez que o “eu” em cada contexto ontológico-fenomenal pode optar revelar-se como seu contrário, ou seja como seu “não eu”, não apresentando de forma alguma, um ente em sua essência. Assim, o ente pode se apresentar enquanto aparência, desprovido daquilo que verdadeiramente denominaria de “eu” se fosse autoconhecido. Isso apenas indica um modo de ser do próprio “eu”, ainda que seja pela perda de si mesmo, pela decadência, distorção e fechamento. “O privilégio ôntico que distingue a pre-sença está em ser ela ontológica”, uma vez que ainda não-sendo eu mesmo não deixo de ser (HEIDEGGER, 2005, p. 38).

Não obstante, é no compartilhamento, no “fazer psicológico” que a presença se manifesta em relação com o outro sendo traduzido pelo “entre” o hífen da pre-sença, que se dá na fala através da pronúncia, na projeção do ser para fora, que pode ocorrer ou não dentro de um processo terapêutico, mas que sem dúvida deve aparecer nessa circunstância, bem como se apresenta, também, o ser-em, ou seja, o como, “o modo de dizer” que está no tom, na modulação, no ritmo da fala, tudo aquilo que deve ser observado pelo psicólogo em sua prática.

O nexos da fala com o compreender se encontra na possibilidade existencial da escuta, é por ela que se dá a abertura existencial para o ser-com, na disponibilidade/reciprocidade/diálogo com o outro (HEIDEGGER, 2005, p. 226) fenômeno tão afeito à psicologia determinando-se, segundo Heidegger “numa primeira aproximação” – fala e escuta fundam-se no compreender. Somente aquele que compreende poderá escutar.

A fala é constitutiva da existência da presença, uma vez que perfaz a constituição existencial de sua abertura, a escuta e o silêncio pertencem à linguagem falada como possibilidades intrínsecas (HEIDEGGER, 2005, p. 244).



São as palavras que mostram determinado ser, criam os seres em nosso pensamento e permitem uma atenção dirigida ao “eu” no sentido de totalidade, presentificação, já que “o ser – não o ente – só se “dá” porque a verdade é”, não sendo possível compartimentá-lo sem desnaturá-lo, destruí-lo, rotulá-lo, perdendo-se o caráter da presença (HEIDEGGER, 2005, p. 301), sendo função do psicólogo trabalhar no sentido dessa integralidade.

A descoberta do ser-no-mundo, portanto, ocorre pela possibilidade de estabelecermos relações, e reconhecendo que as relações são inexoravelmente intermediadas pela linguagem, fica clara a necessidade de entendermos como as relações se desenvolvem no mundo, reconhecendo que no fazer psicoterápico, essa relação é por si só diferenciada desde o início.

É por esse motivo que buscamos em Buber soluções sobre dilemas paradoxais que envolvem a plenitude da união dos seres como: “EU-TU-EU-ISSO, dependência-liberdade, bem-mal, unidade-dualidade”. Tal união de contrários, apesar de ainda ser um mistério, ocorre na profunda intimidade do diálogo. Por esse motivo, para o autor, o diálogo é plenitude (BUBER, 2017, p. 15), e essa plenitude deve ser buscada na prática clínica no máximo de suas possibilidades.

Buber busca separar a abstração filosófica da concretude, ou seja, afirma que para se entender as relações mundanas se faz necessário sair do aspecto teórico e ir para a práxis, parafraseando, não se pode permanecer contemplando as ondas em uma praia, se faz necessário atirar-se na água e nadar (BUBER, 2017). Analogicamente esse é o papel da psicologia que sai da posição pacífica do conhecimento conceitual e parte para o estudo e prática das vivências.

Nesse sentido, trazemos à luz a reflexão sobre as palavras princípio EU-TU e EU-ISSO, referenciando a palavra como dialógica, e tendo como categoria primordial dessa dialogicidade o “entre”.

Mais do que uma análise objetiva da estrutura lógica ou semântica da linguagem, o que faria da palavra um simples dado, Buber desenvolve uma verdadeira ontologia da palavra atribuindo a ela, como palavra falante, o sentido de portadora de ser. É através dela que o homem se introduz na existência. Não é o homem que conduz a palavra, mas é ela que o mantém no ser. Para Buber, a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora



do ser do homem. Ela é um ato do homem através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros (BUBER, 2017, p. 28)².

Captamos aí o sentido existencial da palavra que, pela intencionalidade que a anima, carrega em si o princípio ontológico do homem como ser dialogal, que se revela, sendo a palavra portadora do ser. Diante disso temos a palavra EU-TU entendida como essência humana manifestada no encontro entre pares na reciprocidade e de forma ontológica e EU-ISSO que é colocada na relação de utilidade, na atitude objetivante e cognoscitiva, portanto, ôntica (BUBER, 2017), sendo a relação EU-TU a que deve ser estabelecida na atuação clínica.

É no fenômeno que poderemos ver o estabelecimento de uma relação (EU-TU) ou de um relacionamento (EU-ISSO). A estrutura é dual, não há um modo específico de relacionar-se, dada a escolha, o arbítrio do sujeito, porque o diálogo é fenômeno do inter-humano, e na pre-sença presentificamos e somos presentificados. Ademais, o Tu e/ou a relação são originários, e sua apresentação ao Eu é uma condição de existência, pois não há Eu em si, independente, o Eu se torna Eu em virtude do Tu, não enquanto ontológico, mas enquanto relação. É na revelação da palavra que se identifica o tipo de intervalo escolhido na formação do “entre” EU-TU ou EU-ISSO (BUBER, 2017).

Caso o psicólogo não entenda a importância da relação ditada por Buber, dificilmente conseguirá alcançar o ser para a abertura, para o encontrar-se, será mais um Isso, mantendo o ser em seu casulo, na conformidade de seus medos, na aceitação do posto, do dado, da limitação mundana.

Ou seja, é a partir da formação da aliança terapêutica que se forma ou não o ato totalizador, vinculando o participante ao evento através do encontro, não pela soma de elementos da estrutura da relação, mas sim no momento em que a linguagem se torna ser, nos tornando ser-palavra, na autenticidade dentro da mundanidade, da temporalidade e da espacialidade – a totalidade se traduz na independência da própria relação em face dos componentes desta estrutura.

² ZUBEN, N. A. Tradução, Introdução e Notas. In: BUBER, M. Eu e Tu. São Paulo: Centauro, 2006. p. 28. Texto originalmente escrito em 1974.



Porém esta independência não é absoluta, mas relativa: cada elemento da estrutura considerado isoladamente é pura abstração. O evento "acontece" em virtude do encontro "entre" o Eu e o Tu na reciprocidade da ação totalizadora. A totalidade presente no EU-TU não é simplesmente a soma das sensações internas do seu psicológico. A totalidade precede ontologicamente a separação (BUBER, 2017, p. 33)³.

Verifica-se então que o EU-TU precede o EU-ISSO, cabendo ao psicoterapeuta manter o quanto possível essa relação, não objetivando a experiência, que faz aparecer o EU-ISSO na forma de utilização de alguma coisa, através da inteligência. Por esta razão o EU-TU é anterior ao EU-ISSO, na medida que *a priori* utiliza a intuição, para depois, se for o caso, impor-se diante do Isso, ordenando-o, estruturando-o, vencendo-o, transformando-o, ou seja, objetivando-o. EU-ISSO jamais se manifesta na totalidade (BUBER, 2017).

A esse tipo de Eu utilitarista, Buber chamará de egótico, aquele que apenas se relaciona consigo mesmo ou ainda somente entra em relação com o seu si-mesmo, dada a escolha que estabelece dentro das possibilidades de apreensão da realidade. Ainda para o filósofo, aquele que opta pela contemplação e doação do ser aceita o Tu. Contudo, aquele que através da inteligência, do conhecimento, da experiência cognoscitiva apreende o Tu, estabelece o ser como objeto (BUBER, 2017). Por esse motivo, reportamos a importância do psicólogo de manter-se em terapia e em supervisão continuada, garantindo a isenção do seu si-mesmo na sua atuação profissional.

Tão somente na contemplação teremos a pre-sença do ser, tornando-se presente ao ser e como ser, e será no encontro dialógico que irá acontecer a recíproca presentificação do Eu e do Tu. Em resumo, a presença do relacionamento EU-ISSO afasta a presença do Eu, o pre da pre-sença, por ausência de alteridade que na essência se instaura somente na relação EU-TU. Na presença do ser egótico, o outro torna-se um objeto manipulável. Por isso, esse relacionamento se limita ao espaço e ao tempo. Ele é submisso à ordem temporal, pois define-se pela soma das partes (BUBER, 2017).

³ ZUBEN, N. A. Tradução, Introdução e Notas. In: BUBER, M. Eu e Tu. São Paulo: Centauro, 2006. Texto originalmente escrito em 1974, p. 33.



Contudo, ressaltamos que não existe mundo sem as relações EU-ISSO, elas são indispensáveis para a existência humana. A diferença de tais relações não é ética e sim ontológica, já que os dois tipos de relações são autênticas, pois apresentamos quem somos diante das escolhas responsáveis que fazemos (BUBER, 2017).

Entrementes, a relação EU-TU não é exclusivamente inter-humana, podendo se manifestar de inúmeras formas. Sempre que o Tu estiver inserido imediatamente na relação, esta será ontológica, seja em “uma obra de arte, uma pedra, uma flor, uma peça musical”, da mesma forma que o Isso será considerado como qualquer objeto de uso, de conhecimento, de experiência de um Eu (BUBER, 2017, p. 36).

Posso extrair a cor de seus cabelos, o matiz de suas palavras ou de sua bondade; devo fazer isso sem cessar, porém ele já não é mais meu Tu. Assim como a prece não se situa no tempo mas o tempo na prece, e assim como a oferta não se localiza no espaço mas o espaço na oferta — e quem alterar essa relação suprimirá a atualidade, do mesmo modo o homem a quem eu digo Tu não encontro em algum tempo ou lugar. Eu posso situá-lo, sou, aliás, obrigado a fazê-lo constantemente, mas então, ele não é mais um Tu e sim um Ele ou Ela, um Isso (BUBER, 2017, p. 55).

Não experienciamos um encontro, apenas o atualizamos no presente. É isso que faz o psicólogo. Atuamos mutuamente um no outro, na imediatez da relação, no instante atual e pleno, na presença, na mente presente, no encontro/relação, na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura. São aqueles momentos únicos que o professor Clóvis de Barros Monteiro (2016) parafraseando Espinoza, traduziu como: “os instantes de vida feliz que você não quer que acabe”. Assim, se o homem viver no passado, seu instante é privado da presença. “O essencial é vivido na presença, as objetividades no passado” (BUBER, 2017, p. 58).

Dito isso, surge uma grande questão, o que para Buber será traduzido como a angústia do ser humano, qual seja, todo Tu está fadado irremediavelmente a transformar-se de forma rápida em um Isso, por mais exclusiva que tenha sido a presença, se tornará mais um objeto (BUBER, 2017). Sim, na psicoterapia os momentos são breves e devem ser aproveitados, antes que o paciente/cliente retorne ao mundo, submisso, medido e limitado, mas sem dúvida alterado, mexido, incomodado.

A atualização está umbilicalmente envolvida pela desatualização, a atualização autêntica é rápida, lamentavelmente, o próprio amor não permanece na relação



imediate; ele dura, alternando entre a atualidade e latência. Contudo, ainda que o Tu da relação tenha se desvanecido, não se torna um Isso de um Eu, se torna um Isso em si, aguardando quem sabe um novo evento de relação (BUBER, 2017), ou, em nossa pesquisa, uma nova sessão terapêutica.

Assim, é o ser-no-mundo, que convive com esta duplicidade, por também ser dual, uma vez que o mundo do Isso, pautado na densidade e duração, ordenado, separado e experienciado inspira confiança, pois nele podemos mensurar, comparar, retomar, e muitas vezes assim o preferimos. Ele passa a ser objeto do Tu, e aparentemente permanece segundo a sua vontade, contudo alheio e fora de si. É passível de percepção, e passa a ser a nossa “verdade”, e mesmo que se apresente de forma diferente para cada um, ele está pronto a ser para ambos um objeto comum, mas nele não nos encontramos com o outro. “Sem ele tu não podes subsistir, tu te conservas graças à sua segurança, mas se te reabsorveres nele, serás sepultado no nada” (BUBER, 2017, p. 70).

O psicólogo deve munir o paciente/cliente para optar pelo devir, apesar do medo do incerto, da desconfiança de não dar conta, do que se revela, oportunizando escolhas mais saudáveis, sem fechamentos, apresentando-se cada vez do modo mais autêntico que lhe cabe, onde não há densidade.

No devir tudo penetra tudo, não há duração, nem retenção, é obscuro/confuso, se quiser esclarecê-lo, ele lhe escapa, se não há encontro, se dissipa e, quando vier novamente, virá transformado (BUBER, 2017, p. 71).

Ele não está fora de ti. Ele repousa no âmago de teu ser, de tal modo que, se te referes a ele como "alma de minha alma", não dizes nada de excessivo. Guarda-te, no entanto, tentativa de transferi-lo para a tua alma, Tu o aniquilarias. Ele é teu presente, e somente na medida em que o tiveres como tal é que terás a presença; podes fazer dele teu objeto, experienciá-lo e utilizá-lo, aliás, deves proceder assim continuamente, mas, então, não terás mais presença alguma. (BUBER, 2017, p. 71).

É com base nesses encontros que o Tu se revela singular, lírico-dramático, sedutor, abalando certezas, trazendo mais questões que satisfações, inquietando a própria consciência. Trata-se do espírito que se manifesta nas diversas línguas faladas pelo homem – verbal, corporal, artística – sendo uno e misterioso, em descoberta constante (BUBER, 2017).



O espírito é palavra, segundo Buber, e, no momento em que, como fala, sai do cérebro para a laringe, compõem o fenômeno, pois a linguagem não se encontra no homem, mas este é que se encontra na linguagem, bem como o espírito não se encontra no Eu, mas entre o Eu e o Tu, e somente por meio da relação o homem pode viver no espírito (BUBER, 2017).

É no silêncio, diante do Tu e de todas as línguas, na espera silenciosa da palavra, pré-verbal, que encontramos o Tu em sua liberdade, momento em que o espírito não se manifesta, mas está presente, pois é pela resposta que o Tu se liga ao mundo do Isso, vivenciando a melancolia do homem, bem como sua grandeza (BUBER, 2017).

Não por outro motivo, se faz crucial entender com clareza tais conceitos, pois elucidam que a prática psicológica tem um sentido diferenciado, que só pode ser revelado se o psicólogo compreender a dimensão dos momentos preciosos de uma sessão terapêutica, instantes em que o ser clama por sua autopoiese, por sua atualização, por sua “cura”, e se dispõem, naquele acontecimento sempre único à sua autorrevelação.

Resultados e Discussão

O mistério sempre amedrontou o homem. A ideia de habitar em um mundo insólito, inexplicável e sem solidez empírica traz em si a sensação de vulnerabilidade e insegurança. Não foi por outro motivo que a ciência se desenvolveu de forma abissal, sendo ovacionada por todo o mundo ocidental, especialmente.

O que a princípio pode ser visto como algo positivo e por excelência necessário, acabou por distanciar o homem da verdade em si, pois tudo o que entra na esfera do enigmático perde valor, como algo inexistente ou místico, não merecedor de atenção. Naturalmente, tudo que se opõe ao sistema posto passa a ser não grato, rechaçado, criticado, desvalorizado. Ocorre, indubitavelmente, a imersão do homem no mundo do Isso, da não-complexidade, por fim, da liquidez.

Uma vez que era possível decifrar o segredo de como as coisas realmente são, para o pensamento científico não fazia sentido algum indagar sobre as demais



questões implicadas, como as históricas (como vieram a ser), culturais (que bases existem de crenças e linguagem para que fossem), sociais (como as comunidades decidiram para que fosse), dentre outras (NEUBERN, 2001, p. 242).

Busca-se a objetividade, e todas as expressões constituintes do ser implicam em sentidos subjetivos. A princípio a subjetividade foi marginalizada do processo científico, levando-se em conta apenas a subjetividade social, o contexto sócio-histórico evidenciado por Vygotsky ou o comportamentalismo trazido por Skinner. O idealismo não serve, não é aceitável que o homem tenha que se submeter ao inexplicável, tudo passa a ter como condição de ser e existir no mundo a partir da construção do saber científico, sendo, portanto, a subjetividade uma ameaça efetiva, oposta às pretensões de um saber calcado numa cosmovisão que tem como objetivo a realidade ordenada, estática e histórica (Gonzalez Rey, 1996 *apud* NEUBERN, 2001).

Tudo precisava ser medido no destino do homem: suas relações com o mundo, Deus, os deveres, a sociedade, dentre outros, numa linguagem com múltiplos meios de expressão, tendo na poesia sua nota mais indigna de confiabilidade. Nesse sentido, a subjetividade através da psicologia, vai passar por uma releitura, na busca de um conceito que abarque o complexo psíquico do ser em suas múltiplas dimensões, sem lhe impor mutilações ou reduções, momento em que surgem as mais variadas abordagens psicológicas na tentativa de açambarcar esse sujeito/objeto na sua completude. Não por outro motivo, a psicologia foi vista *a priori* como uma ciência menor, além de outras tantas, quando equiparada às ciências duras (NEUBERN, 2001).

Na construção do seu saber científico, a psicologia clínica desponta utilizando-se da linguagem oral, que passa a ocupar lugar de centralidade com vistas à compreensão do subjetivo com todas as suas peculiaridades. O que ao invés de constituir um demérito, deve ser visto como axioma, para além dos modelos da ciência tradicional, sem, contudo, deixar de estar pautada em explicações teóricas.

A linguagem será, assim, o equipamento capaz de emergir o sujeito enquanto realidade viva, que se apresenta na cotidianidade, na estrutura da temporalidade que



se desvela na *historicidade* da presença (HEIDEGGER, 2007), que sente, decide, pensa, sonha, permanecendo, enquanto ser integral, uma incógnita diante de todas as possibilidades interpretativas e polissêmicas, dada sua estrutura dinâmica, funcionando como uma Gestalt, ou seja, uma estrutura móvel de figura e fundo, de forma que por si só não envolve todos os sentidos, pois estes transcendem os signos convencionais que a formalizam como língua (SILVA, 2021).

Surge aqui o cuidado do terapeuta para não ser aprisionado em conceitos consagrados da psicologia tradicional ou ideias dogmáticas e fechadas trazidas pela teoria adotada em seu fazer psicológico (perspectivas universais e absolutas), que obstaculizam o diálogo efetivo tornando-se apenas mais um sistema a impor conceitos e visões de mundo (NEUBERN, 2001). O encontro perfeito traduz-se no contemplar e no ser-contemplado, o reconhecer e o ser-reconhecido, o amar e o ser-amado, nas questões trazidas pela subjetividade, gerando aptidão para que o espírito adentre no ser e o transforme (BUBER, 2017).

Isso não significa um aval ao reconhecimento de um subjetivismo absoluto, avesso a qualquer rigor metodológico, caso em que restaria inexequível a instauração de um processo terapêutico, bem como todas as tentativas de viabilizar os necessários processos de mudanças epistemológicas, sendo esse o papel do psicólogo (NEUBERN, 2001).

Uma terapia no sentido de que permite às ciências específicas avaliarem melhor seu lugar, suas conexões e pressupostos; que ofereça uma distância suficiente de si mesmas e do envolvimento com seu objeto. E entendemos terapia justamente no sentido de um processo de enfrentamento dos elementos normalmente mantidos na obscuridade, mas que tem peso importante no funcionamento de algo, seja uma pessoa, instituição, teoria ou técnica (SEIBT, 2021, p. 4).

É nesse sentido, de ampliação da autocompreensão, da abertura para fora do conceito, dos limites instituídos e consolidados da cotidianidade, das armadilhas da linguagem, do prejulgamento, na intenção de acolher os sujeitos e todos os elementos que compõem o fenômeno humano, no desafio e confronto da própria ampliação da consciência de forma libertária e criativa que o psicólogo atua. E é na psicoterapia que o psicólogo deve criar condições para o estabelecimento relacional que envolva um



Eu para um Tu, fugindo das entranhas confortáveis das relações EU-ISSO; é o que se espera da relação terapêutica (BUBER, 2017; SEIBT, 2021).

Contudo, para o aparecimento das relações EU-TU, se faz necessária a abertura do ente, ou seja, o “entre” da pre-sença, e esse geralmente se abre a partir do sofrimento. É através dele que ocorre uma tomada de decisão interna de que algo precisa ser mudado, no momento em que não ser quem se é doí mais do que permanecer sem encarar-se na autenticidade. Sentimentos como: angústia, morte, tédio e espanto, de um modo geral, sinalizam que algo não anda bem. O incômodo que faz nascer a busca por uma solução, uma resignificação, é o abrir-se com propósito, propósito de sair do mundo do Isso, que isola, qualifica, coordena, aprisiona (HEIDEGGER, 2007; SEIBT, 2021).

O esforço se concentra em perfurar e escavar para o fundo da verdade dos objetos, em busca da verdade do ser. Nesse itinerário, o pensador se encontra diante da tarefa de desmontar a lógica, a linguagem e os pressupostos que, inquestionados, nos mantêm na segurança e certeza em relação ao mundo que dispomos a partir do impessoal cotidiano, da tradição recebida, mas não tornada própria e autêntica (SEIBT, 2021, p. 7).

É no encontro EU-TU, intermediado pela fala, que atua o psicólogo, na formação da relação terapêutica, no *rapport*, na transferência, no encontro que permite a descrição de mundo da individualidade que se abre subjetivamente, mostrando sua percepção e definição de mundo, viabilizado em virtude da dimensão existencial da linguagem, pois falar é “executar a mímica de nossas dimensões físicas, práticas e afetivas”, não exclusivamente contidas nas palavras, mas que são indissociáveis do próprio ato da fala (Müller, 2001, p. 147 *apud* GONÇALVES, 2011).

Assim, reconhece-se que a linguagem proporciona a realização do homem enquanto humano, pois é por meio dela que histórias são contadas. Por este motivo a linguagem ocupa lugar fundamental no processo terapêutico, permitindo ao sujeito a apropriação de seu mundo, revelando-se e sendo compreendido, para enfim, dar sentido à sua existência, destituindo-se de suas amarras e resignificando sua situação no mundo (JACINTO; SALLES, 2020).



Obviamente, que a psicoterapia não tem a intenção de “curar” o indivíduo nem mesmo entendê-lo em sua integralidade; “terapia é “pró-cura”, isto é, “cuidar”, devendo ser compreendida como esse cuidado através da hermenêutica, na busca de contribuir para o crescimento/transformação do ser, na tentativa de aproximá-lo da autenticidade própria e pessoal do seu modo de ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2007; JACINTO; SALLES, 2020, p. 320).

Somos lançados, em razão principalmente das interpretações linguísticas, no maniqueísmo do Isso, na ausência de sentido, na surdez de nossos apelos mais intrínsecos, porque de alguma maneira fomos contaminados pelas máximas científicas de que nossos sentimentos são perigosos, que nossa intuição é irracional, de que nossa imagem deve ser de determinada forma. Nos aniquilamos na dicotomia do bem e do mal e deixamos simplesmente de ser, eis aí o resgate que se busca no processo terapêutico, a visão integradora de que não somos separados por lados opostos, somos os dois lados justapostos e apenas nas entranhas de nossa subjetividade conseguimos “ver” e compreender o que isso significa.

Considerações finais

Partimos da tentativa de entender a linguagem enquanto formadora do ser, analisando-a como instrumento dicotômico, que proporciona o abrir-se para um mundo repleto de possibilidades. Mas para que ela funcione dessa forma, o “ser” não pode se aprisionar nas estruturas rígidas apresentadas pelo mundo imanente, sem o devido questionamento do porquê as coisas são como são. A verdade é que, até onde sabemos, não participamos dos contextos histórico-sociais que nos são impostos, mas por algum motivo acreditamos que são imutáveis e que devemos aceitá-los como verdades que nos modelam. O mundo nos faz crer que para sairmos do lugar comum teremos que pagar um preço muito alto, sendo muito melhor aceitar que tudo é como deveria ser.

Assim, é possível afirmar que a linguagem por si só permitiria ao sujeito não se fechar em conceitos preestabelecidos, a grande questão é que nos habituamos ao (im)posto, com a sensação de segurança, de pertencimento, mas que nos afasta de



nossa essência, pois acreditamos ser aquilo que dizem que somos e, lamentavelmente, deixamos o mundo nos conceituar, categorizar, significar, patologizar.

É nesse sentido que o trabalho buscou contribuir para o entendimento do que se pode esperar do processo psicoterápico clínico, que em sua natureza tem como meta auxiliar o ser no encontro com sua autenticidade, e que em regra será intermediado pelo instrumento da linguagem com todas as interpretações e polissemias por ela permitida. Tal instrumental permite ao psicólogo auxiliar o “ser” (seu objeto de estudo) na busca da sua essência, no que se pode chamar do lugar mais próximo de seu autoamor e autocuidado, com vistas à integralidade.

Chegamos então, através dos filósofos Merleau-Ponty, Heidegger e Buber à compreensão de que a essência do ser realmente transcende a qualquer hipótese de quantificação ou classificação, e que sua revelação só se realizará em alguns breves momentos, quando se permite a verdadeira abertura, aquele instante em que o encontro “entre” paciente/cliente e psicólogo se eterniza porque proporciona o encontro consigo mesmo através do encontro EU-TU genuíno, em que o medo, a ansiedade, o julgamento ou qualquer outra forma de enclausuramento não fazem sentido, porque o sentido está em ser o que se é.

Ainda que tenhamos a plena convicção de que no exercício de uma psicoterapia bem praticada, a pre-sença se manifestará em plenitude, também sabemos que são raios rápidos em meio às tormentas conscienciais, e que, em razão de sua brevidade, não se encerram em uma sessão, mas a importância está na revelação, no cair das máscaras. São aqueles momentos únicos que são levados pelo paciente/cliente para serem amadurecidos, trabalhados, sentidos e refletidos, não sem dor, mas com a satisfação daqueles que aos poucos descobrem que saber quem se é faz nascer uma pessoa melhor para si e para o mundo.

Sim, é bem verdade que a pesquisa deixa claro que sempre haverá um limite na expressão do ser, bem como na escuta, ainda que especializada e ativa do terapeuta, seja qual for a abordagem escolhida no seu fazer psicoterapêutico, porque somos seres limitados à imanência, à caverna de nossas subjetividades, à cegueira perante a luz que ofusca, e que, mesmo quando nos acostumamos com ela e visualizamos um pouco além das sombras, voltamos ao conforto de nossa concha, de



nossa pseudo segurança, até que tomemos fôlego para um novo encontro, porque como todo processo, é preciso ter calma. A autodescoberta, na maior parte das vezes, ou porque não dizer, na totalidade delas, nos revela necessidades de mudanças e mudanças exigem esforço, energia, e para isso é necessário preparo.

Por fim, entendemos que o trabalho contribui no sentido de se entender o processo psicoterapêutico por outro viés, sem mistificar o psicólogo como aquele que é capaz do impossível, mas também esclarecendo a importante tarefa desse profissional, que precisa se apropriar de sua responsabilidade, pois ao tocar outra alma, sempre acabamos por mudar a nossa. Daí a importância fundamental do psicólogo em permanecer em terapia constante, bem como em avaliar sua atuação através da supervisão, preparando-se emocionalmente para doar-se a outro, na presentificação do momento que deve ser único para os participantes, encontro de “almas” que se tocam na busca de serem mais autênticas para si e para o mundo.

Referências

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2017.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FEITOSA, Ludmila Dantas et al. Linguagem do pensamento e pensamento na linguagem: o ato de significação em Merleau-Ponty. **Psicol inf**. São Paulo, v. 11, n. 11, p. 81-98, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092007000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2022.

FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 8, n. 3, p. 445-450. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300011>. Acesso em: 1 nov. 2022.

GONÇALVES, Rafael Ramos. Subjetividade e linguagem na obra de Merleau-Ponty. **Psicologia USP [online]**. São Paulo, v. 22, n. 3, pp. 621-634, set. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000022>. ISSN 1678-5177. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000022>. Acesso em: 19 out. 2022.



HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vison. **Metodologia Científica e da Pesquisa**: livro didático. 5. ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** (1926), Partes I e II. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

JACINTO, Raquel Lessa da Silva; SALLES, Maria Aparecida Magalhães. A importância da fala no processo terapêutico na abordagem fenomenológica da análise existencial. **DOXA**: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 315–328, 2020. DOI: 10.30715/doxa.v22iesp.1. 14136. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/14136>. Acesso em: 25 out. 2022.

LEITÃO, Virgínia Moreira. Psicoterapia centrada na pessoa e responsabilidade existencial: possibilidade de transformação humana. **Psicologia**: Ciência e Profissão [online]. Fortaleza, v. 10, n. 2-4 pp. 4-11, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931990000200002>. Acesso em: 1 nov. 2022.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia – dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13. Reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

MIRANDA, Carmen Sílvia Nunes de; FREIRE, José Célio. A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. **Arq. bras. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 78-94, abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2022.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**. v. 16, n. 4, p. 613-622, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/CTvCMKmmrhks6GkZmdRM5tm/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 31 outubro 2022.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão. **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 116, p. 367-377, dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2007000200006>. Acesso em: 20 mar. de 2022.

MOURA, Alex de Campos. Ser e linguagem em Merleau-Ponty. **Cadernos de ética e filosofia política**, v.1, n. 20, p. 90-102. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55974>. Acesso em: 23 mar. 2022.

NEUBERN, Maurício S. Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. **Psicologia**: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 241-252. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000100020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2022.



PLATÃO. **Obras Completas**. (Vol. 2 – Diálogos Polêmicos). Centaur Editions, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/acervo/platao>. Acesso em: 20 de mar. de 2022.

PROGRAMA DO JÔ. [Entrevista: Jô Soares com filósofo]: Clóvis de Barros Filho. O momento naquele que você quer que nunca acabe! São Paulo. 2016. vídeo (32 min). Disponível em: <https://youtu.be/96IMnYILnBA>. Acesso em: 31 outubro 2022.

SEIBT, Cezar Luís. Desconstrução heideggeriana da metafísica como terapia da condição humana. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 13 dez. 2021. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0003-0166-0919>. Acesso em 23 mar. 2022.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. Merleau-Ponty e o mistério da fala. **Revista DIAPHONÍA**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 209–210, 2021. DOI: 10.48075/rd.v7i2.28495. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/28495>. Acesso em: 19 out. 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. Tradução: Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2009.